



## **Da teologia à poesia – uma vida em movimento: um panorama das diversas fases da escrita de Rubem Alves**

*From theology to poetry – a life in movement:  
an overview of the different phases of Rubem Alves' writing*

**Márcia de Souza Martins**

*Mestranda no PPGPCR da Faculdade Unida de Vitória*

**Abdruschin Schaeffer Rocha**

*Docente do PPGPCR da Faculdade Unida de Vitória*

**Resumo:** Este artigo propõe uma análise crítica das diversas periodizações da obra de Rubem Alves, destacando-se por propor uma abordagem alternativa e multidisciplinar. Através da revisão de modelos de periodização sugeridos por estudiosos como Leopoldo Cervantes-Ortiz, Carlos Rodrigues Brandão, Antônio Vidal Nunes e Iuri Andréas Reblin, o estudo busca compreender as fases distintas na evolução do pensamento e da escrita de Alves, desde sua juventude até a maturidade. A análise revela que, embora haja um consenso sobre a existência de diferentes fases na obra de Alves, as periodizações existentes são frequentemente adotadas sem maiores problematizações. O artigo avança ao esboçar uma nova proposta de periodização, fundamentada na análise de textos selecionados de Alves e na observação de mudanças temáticas ao longo de sua vida. Esta proposta visa aprimorar a compreensão da complexidade da obra alvesiana, destacando a intersecção de sua vida pessoal com movimentos históricos mais amplos e a constante evolução de sua expressão linguística. O estudo contribui significativamente para o campo da Teologia e das Ciências da Religião, oferecendo novas perspectivas para a análise da escrita de Rubem Alves e incentivando futuras investigações sobre sua obra.

**Palavras-chave:** Rubem Alves. Teologia e Literatura. Poesia. Periodização da obra alvesiana. Ciências da Religião.

**Abstract:** This article proposes a critical analysis of the various periodizations of Rubem Alves' work, standing out for proposing an alternative and multidisciplinary approach. Through the review of periodization models suggested by scholars such as Leopoldo Cervantes-Ortiz, Carlos Rodrigues Brandão, Antônio Vidal Nunes, and Iuri Andréas Reblin, the study seeks to understand the distinct phases in the evolution of Alves' thought and writing, from his youth to maturity. The analysis reveals that, although there is a consensus on the existence of different phases in Alves' work, existing periodizations are often adopted without further problematization. The article

---

Recebido em: 17mai. 2024 - Aprovado em: 04 jun. 2024.

advances by outlining a new periodization proposal, based on the analysis of selected texts by Alves and the observation of thematic changes throughout his life. This proposal aims to enhance the understanding of the complexity of Alves' work, highlighting the intersection of his personal life with broader historical movements and the constant evolution of his linguistic expression. The study significantly contributes to the field of Theology and Religion Studies, offering new perspectives for the analysis of Rubem Alves' writing and encouraging future investigations into his work.

**Keywords:** Rubem Alves; Theology and Literature; Poetry; Periodization of Rubem Alves' Literature. Religion Studies.

## Introdução

*A palavra é apenas a beirada do abismo*<sup>2</sup>

Atualmente, a obra de Rubem Alves representa um vasto campo de estudo em várias disciplinas, desafiando a comunidade acadêmica que busca compreender seu desenvolvimento, evolução e estabelecimento. Ao mergulharmos no universo dos leitores e pesquisadores por meio da literatura científica, notamos um consenso de que a escrita de Rubem Alves atravessou diversas fases de desenvolvimento. Esse reconhecimento comum, entretanto, não é acompanhado por uma análise crítica das periodizações sugeridas anteriormente, que são frequentemente repetidas sem questionamentos, como observado nas reflexões de Raimundo César Barreto Júnior sobre a recepção do trabalho de Alves nos Estados Unidos. Ele afirma:

Na tentativa de compreender a evolução da trajetória de Rubem Alves, estudiosos do seu pensamento [...] desenvolveram modelos de periodização para identificar mudanças na ênfase e método em sua forma de pensar e escrever desde a sua juventude até a maturidade. Não está no escopo deste trabalho fazer uma discussão elaborada destes modelos. No entanto, é importante destacá-los na medida em que tais exercícios contribuem para evitar generalizações sobre o que Alves pensou ou escreveu num determinado momento de sua vida.<sup>3</sup>

Neste artigo, propomo-nos a oferecer uma visão abrangente das diversas tentativas de periodização da obra de Rubem Alves encontradas na literatura especializada, além de refletir e questionar essas propostas, em consonância com a literatura científica que aponta a importância de tais análises críticas. Para isso, apresentamos os principais modelos de periodização sugeridos por Leopoldo

---

<sup>2</sup> ALVES, Rubem. *Lições de feitiçaria: meditações sobre poesia*. Juiz de Fora: Siano, 2020, p. 49.

<sup>3</sup> BARRETO JR. Raimundo César. Rubem Alves: o desenvolvimento de seu pensamento e a recepção do mesmo nos Estados Unidos. *Revista Reflexus*, Vitória, ano VIII, n. 12, 2014/2. p. 127.

Cervantes-Ortiz<sup>4</sup>, Carlos Rodrigues Brandão<sup>5</sup>, Antônio Vidal Nunes<sup>6</sup> e Iuri Andréas Reblin<sup>7</sup>, e os apresentaremos de forma panorâmica, mostrando como cada autor organiza e interpreta as diferentes etapas da trajetória literária de Alves. Após a exposição de cada modelo, proporemos questionamentos e reflexões críticas sobre eles. Concluiremos com a apresentação de nossa própria proposta de periodização para o desenvolvimento da escrita alvesiana, contribuindo assim para o aprofundamento do estudo sobre sua obra.

### **1. Uma escrita poética que brinca com os dogmas e erotiza os corpos – a proposta de periodização de Cervantes-Ortiz**

*De vez em quando alguém me pergunta se eu acredito em Deus. [...] Dizia o poeta Valéry: “Que seria de nós sem o socorro daquilo que não existe?”<sup>8</sup>*

Em 1998, no Seminário Bíblico Latinoamericano de San Jose, Costa Rica, Leopoldo Cervantes-Ortiz, um estudante de teologia, apresentou uma dissertação de mestrado intitulada *La teologia lúdico-erótica-poética de Rubem Alves: uma alternativa de desarrollo de la teologia protestante latinoamericano*. Originalmente com 181 páginas,<sup>9</sup> este trabalho pioneiro explorava dimensões inovadoras da teologia de Rubem Alves, combinando ludicidade, erotismo e poesia como caminhos para o desenvolvimento teológico na América Latina. Sete anos após sua defesa, em 2005, a dissertação ganhou uma tradução para o português por Eleonora Frenkel Barretto e foi publicada no Brasil pela editora Papyrus, sob o título *A teologia de Rubem Alves: poesia, brincadeira e erotismo*, agora com 250 páginas. Como o primeiro livro sobre a teologia de Rubem Alves escrito por um estudante de teologia brasileiro<sup>10</sup> só seria lançado no mercado editorial do país em 2009,<sup>11</sup> é óbvio que a dissertação de

<sup>4</sup> CERVANTES-ORTIZ, Leopoldo. *A teologia de Rubem Alves: poesia, brincadeira e erotismo*. Tradução Eleonora Frenkel Barretto. Campinas, São Paulo. Papyrus, 2005, p. 43-47.

<sup>5</sup> CERVANTES-ORTIZ, 2005, p. 11-18. (Prefácio à edição brasileira). Ver também em: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Rubem - Quatro momentos seguidos de um devaneio. *Tempo e presença digital*, a. 10, v. 29/30, p. 1-3, 2015.

<sup>6</sup> NUNES, Antônio Vidal. Etapas do itinerário reflexivo de Rubem Alves: a dança da vida e dos símbolos. In: *O que eles pensam de Rubem Alves e de seu humanismo na religião, na educação e na poesia*. NUNES, Antônio Vidal (org.). São Paulo: Paulus, 2007, p. 13-51.

<sup>7</sup> REBLIN, Iuri Andréas. Faces e fases do pensamento teológico de Rubem Alves. *Revista tempo e presença digital*. 2015.

<sup>8</sup> ALVES, Rubem. Deus existe? In. *Palavras para desatar nós*. Campinas, SP. Papyrus, 2011, p. 162 e 165.

<sup>9</sup> BRASIL, Dildo Pereira. *Antropologia e educação: raízes contraculturas do pensamento pedagógico de Rubem Alves*. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013, p. 37.

<sup>10</sup> REBLIN, Iuri Andréas. *Outros cheiros, outros sabores: o pensamento teológico de Rubem Alves*. São Leopoldo, Rio Grande do Sul: OIKOS; EST, 2009.

<sup>11</sup> É necessário aqui registrar que, no ano de 2007, Antônio Vidal Nunes organizou o que hoje é considerado um clássico nos estudos de Rubem Alves no Brasil: Cf. NUNES, Antônio Vidal (org.). *O que eles pensam de Rubem Alves e seu humanismo na religião, na educação e na poesia*. São Paulo: Paulus,

Cervantes-Ortiz se transformaria rapidamente em um clássico, tornando-se referência básica para os poucos estudos que surgiam naquela época sobre a teologia de Rubem Alves em nosso país.

Rapidamente, a dissertação de Cervantes-Ortiz se tornou um clássico, uma referência obrigatória para os estudos iniciais sobre a teologia de Rubem Alves no Brasil. Sua abordagem inovadora e aprofundada sobre o tema não apenas preencheu uma lacuna significativa na literatura teológica brasileira, mas, também, inspirou novas gerações de teólogos e estudiosos a explorar as ricas camadas da obra de Alves, consolidando-se como um marco no estudo da teologia protestante latino-americana. Atualmente, a obra de Cervantes-Ortiz é considerada leitura fundamental para quem estuda Rubem Alves e sua produção no Brasil, destacando-se pela inclusão de dois prefácios significativos <sup>12</sup>: um redigido por Rubem Alves e o outro por Brandão, intitulado “Prefácio à Edição Brasileira”. A concordância de Rubem com a visão de Cervantes-Ortiz sobre sua teologia é evidente, especialmente no prefácio que ele mesmo escreveu, onde cita nove poetas renomados como Jorge Luis Borges, Cecília Meireles, Mário Quintana, Adélia Prado, Bertolt Brecht, Neruda, Fernando Pessoa, Guimarães Rosa e T.S. Eliot, e apenas um teólogo, Santo Agostinho. <sup>13</sup> Ao declarar que não escreve teologia, Rubem enriquece seu texto com conceitos como DEUS, GRANDE MISTÉRIO, GRAÇA e MISTÉRIO, demonstrando sua percepção de que, mesmo não se identificando como teólogo, sua obra poética navega pelos corredores sagrados da teologia, nos quais palavras-chave funcionam como códigos de acesso aos seus mais profundos salões.

Não escrevo teologia. Como poderia escrever sobre Deus? O que faço é pintar com palavras as minhas fantasias – imagens modeladas pelo desejo – diante do assombro que é a vida. Se o Grande Mistério, vez por outra, faz ouvir a sua música nos interstícios silenciosos das minhas palavras, isso não é mérito meu. É graça. Esse é o mistério da literatura: a música que se faz ouvir, independentemente das intenções de quem escreve.<sup>14</sup>

---

2007. Contudo, somente em 2009 teríamos no contexto brasileiro um livro especificamente sobre a teologia de Rubem, escrito por um estudante de teologia, Iuri Andréas Reblin.

<sup>12</sup> MENDONÇA, Antônio Gouvêa. Leopoldo CERVANTES-ORTIZ. Series de Sueños: La Teología Ludorótico-poética de Rubem Alves. México: Centro Basilea de Investigación y Apoyo. *Numen: Revista de Estudos e Pesquisa da Religião*, Juiz de Fora, v. 8, n. 1, p. 122, 2005. (Seção: Recensão). Essa foi a primeira resenha escrita sobre o trabalho de Cervantes-Ortiz no Brasil. E ao que parece, apesar de ter sido publicada em 2005 pela revista, no mesmo ano do lançamento da obra no Brasil a leitura do texto resenhado já havia sido realizada há mais tempo, pois no texto de agradecimentos, publicado no início da obra, Cervantes-Ortiz agradece a Mendonça por “sua antenadíssima leitura e pelos comentários” (CERVANTES-ORTIZ, 2005, p. 9).

<sup>13</sup> CERVANTES-ORTIZ, Leopoldo, 2005, p. 19-24. Há também a menção de um músico neste prefácio, Joseph Maurice Ravel.

<sup>14</sup> CERVANTES-ORTIZ, Leopoldo, 2005, p. 23.

Em um período da história em que a voz de Rubem Alves mal era reconhecida nos círculos teológicos brasileiros<sup>15</sup>, sua maneira única de articular pensamentos teológicos já transgredia fronteiras nacionais, retornando ao Brasil pelas mãos de Leopoldo Cervantes-Ortiz e seu meticuloso trabalho. A chegada da obra de Cervantes-Ortiz ao Brasil, destacando-se pela sua relevância, serviu como um catalisador para ampliar a visibilidade e o reconhecimento do pensamento teológico de Rubem Alves no país. Diante dessa conjuntura, torna-se pertinente explorar a proposta de Cervantes-Ortiz para periodizar o desenvolvimento da escrita de Alves, uma tentativa de sistematizar as fases distintas e evolutivas de sua produção intelectual, proporcionando uma compreensão mais aprofundada de sua obra.



QUADRO 1: Fases do desenvolvimento da escrita alvesiana proposta por Cervantes-Ortiz<sup>16</sup>

Cervantes-Ortiz, ao mergulhar nas profundezas da obra teológica de Rubem Alves, apresenta-nos uma estruturação em períodos, afirmando que é possível discernir distintas fases na trajetória teológica de Alves.<sup>17</sup> Esse ponto de partida nos leva a uma reflexão criteriosa sobre a categorização proposta, especialmente quando consideramos o intervalo de 1972 a 1975, marcado por um afastamento dos referenciais teológicos, conforme o próprio Cervantes-Ortiz aponta. Surge, então, a indagação: se o período inicial é considerado formativo, não seria lógico estendê-lo até 1969, ano em que Alves conclui seu doutorado nos Estados Unidos? Tal questionamento nos conduz à possibilidade de revisão do segundo período proposto por Leopoldo. Além disso, ao analisarmos o esquema apresentado, somos instigados a questionar sobre o encontro de Rubem Alves com a filosofia dentro dessa periodização. Entre 1970 e 1971, Cervantes-Ortiz identifica um momento de desilusão, seguido, nos anos de 1972 a 1975, por uma notável aproximação com a literatura. Esse panorama nos desafia a entender melhor como Cervantes-Ortiz interpreta essas transições, especialmente a passagem pela filosofia, e como isso se encaixa na evolução do pensamento e da escrita de Alves.

<sup>15</sup> MENDONÇA, 2024, p. 121.

<sup>16</sup> Sistematização gráfica autoral construída a partir da leitura do texto do escritor (Cervantes-Ortiz, 2005, p. 43-47).

<sup>17</sup> Cervantes-Ortiz, 2005, p. 43.



As notas valorativas (arbitrárias) anexadas a cada período não decorrem de uma apreciação temática dos conteúdos dos textos, mas, sim, do espírito deles, do caráter que preside a escrita, daquilo que está “por trás das palavras” e que pode ajudar a evidenciar algo além da ideologia explícita ou implícita. Esse “espírito dos textos” é uma orientação existencial inconsciente, oculta às vezes para o próprio autor.<sup>18</sup>

Ao nos debruçarmos sobre o critério utilizado por Cervantes-Ortiz para a elaboração de sua periodização, percebemos que ele não se pauta na análise temática dos textos, mas sim em uma busca pelo “espírito do texto”. Isso nos leva a questionar se a proposta de Cervantes-Ortiz foi fundamentada em uma abordagem psicológica *da* literatura, que enfoca o estudo psicológico do escritor tanto como tipo quanto como indivíduo, abarcando o processo criativo e a análise dos tipos e leis presentes nas obras literárias, em um diálogo entre a psicologia social e as ciências sociais, ou se, por outro lado, baseia-se em uma abordagem psicológica *na* literatura, que adota a psicologia como lente para compreender a recepção e o impacto da literatura, enfatizando a resposta do leitor e a interação com o meio, e priorizando o entendimento literário através dos conceitos psicológicos, desviando-se de uma análise histórico-sociológica em favor da exploração da condição psicológica humana.<sup>19</sup> Diante disso, parece-nos que a periodização de Cervantes-Ortiz se concentra primordialmente no primeiro aspecto da abordagem psicológica *da* literatura, direcionando o leitor a considerar o escritor essencialmente como um tipo, o que nos leva a uma reflexão sobre as implicações dessa escolha metodológica.

o escritor tem sua personalidade levada em consideração, ou seja, tem seus traços, habilidades crenças, atitudes, valores, motivos, formas de ajustamento e temperamento, seu aspecto externo, o modo como é percebido pelos outros, e os influencia analisados, e muitas vezes generalizados para “esquemas de compreensão”.<sup>20</sup>

Ao contrário da perspectiva de Cervantes-Ortiz, observamos que não se efetiva plenamente uma abordagem psicológica *na* literatura, tampouco se concretiza de forma integral uma abordagem psicológica *da* literatura conforme poderíamos esperar. Esta constatação nos conduz, naturalmente, a avançar na discussão e explorar a proposta de periodização apresentada por Carlos Rodrigues Brandão.

---

<sup>18</sup> Cervantes-Ortiz, 2005, p. 43.

<sup>19</sup> SANTOS, Rosemary dos; SANTOS, João Camilo dos; SILVA, José Aparecido. Psicologia da literatura e psicologia na literatura. *Temas psicol.* [online], v. 26, n. 2 p. 767-780, 2018.

<sup>20</sup> SANTOS; SANTOS; SILVA, 2018, p. 769-770.

## **2. Uma escrita que compartilha solidão: “Estou só. Logo somos quatro” – a proposta de periodização de Brandão**

*Minha tristeza é tanto parte de mim quanto a cor dos meus olhos, as batidas do meu coração, as minhas mãos. Sem minha tristeza eu ficaria aleijado – acho que até pararia de escrever. Porque a minha escritura é um contraponto musical à minha tristeza.*<sup>21</sup>

Imaginemos um cenário. Rubem está longe há anos (desde 15 de setembro de 1970)<sup>22</sup> dos ambientes institucionais religiosos e silenciado nos ambientes de reflexão acadêmico-teológicos no Brasil “pelo acordo silencioso da cúpula”<sup>23</sup>. Durante esse período, influenciava de longe muitos jovens estudantes da Faculdade de Teologia da Igreja Presbiteriana do Brasil durante a década de 1990, conforme nos informa Hélierson da Silva, que no período de sua formação no seminário (1990-1993) visitava às escondidas sua residência localizada bem em frente ao campo de futebol do seminário<sup>24</sup>. Em 1998, fora do Brasil, na Costa Rica, Cervantes-Ortiz dedicou-se a um trabalho dissertativo sobre Rubem Alves, num período em que o interesse pela teologia de Rubem era escasso, tanto no Brasil quanto no exterior.<sup>25</sup> Sete anos mais tarde, em 2005, esse estudo foi traduzido para o português por Eleonora e publicado no Brasil pela editora Papyrus. Com o lançamento dessa obra em território brasileiro, Mendonça<sup>26</sup> nos informa sobre o prevacente silêncio nos ambientes teológico-acadêmicos acerca dos escritos teológicos de Rubem no Brasil. A publicação do trabalho de Cervantes-Ortiz representava, portanto, uma oportunidade significativa para Rubem Alves de ter suas reflexões teológicas finalmente reconhecidas e debatidas dentro dos espaços teológicos, marcando um momento de potencial redescoberta e valorização de sua contribuição ao pensamento teológico brasileiro.

Nesse contexto, Rubem Alves recebe o convite para redigir um prefácio para sua própria obra.<sup>27</sup> E o que faz Rubem? Distanciado há tempos dos domínios teológicos, ele se posiciona dizendo que não escreve teologia, uma declaração que, segundo Brandão, é feita “logo depois de citar Neruda (um poeta agnóstico), e pouco antes de

<sup>21</sup> ALVES, Rubem. Tristeza-beleza. In: *Palavras para desatar nós*. Campinas, SP: Papyrus, 2011, p. 93.

<sup>22</sup> Ver este trecho da entrevista que Rubem concedeu à pesquisadora Denise em: GOMIDE, Denise Camargo. *Rubem Alves e o pensamento educacional liberal: aproximações*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. Campinas, SP: [s.n.], 2004, p. 118.

<sup>23</sup> MENDONÇA, 2005, p. 122.

<sup>24</sup> SILVA, Hélierson. O primeiro Rubem Alves e a Teologia da libertação. In: *Rubem Alves e as contas de vidro: variações sobre teologia, mística, literatura e ciência*. CAMPOS, Breno Martins; MARIANI, Ceci Maria Costa Baptista; RIBEIRO Claudio de Oliveira. (orgs.). São Paulo: Loyola, 2020, p. 13.

<sup>25</sup> BRASIL, 2013, p. 36-38.

<sup>26</sup> MENDONÇA, 2005, p. 121.

<sup>27</sup> Segundo Mendonça, em sua resenha do texto de Cervantes-Ortiz, Rubem escreveu *uma apresentação para a obra*, mas o texto escrito por Rubem, cujo título foi traduzido como *A beleza dos pássaros em voo*, na referida obra, não vem nomeado como apresentação, mas como prefácio. Cabe uma averiguação em relação a essa questão, pois Brandão ao escrever o prefácio à Edição Brasileira, diz que Rubem escreve um prefácio.

lembrar João Guimarães Rosa (um místico inveterado)”<sup>28</sup>. Diante dessa situação, torna-se imperativo convocar os amigos para juntos, em meio a uma comunidade de dogmáticos vorazes, encontrar uma maneira singular de expressar teologia por meio da escrita de uma apresentação.<sup>29</sup> Como antropólogo, Brandão compreende que pouco pode fazer para alterar a declaração de Rubem de que “ele não escreve teologia”. Portanto, com respeito às palavras e ao momento vivido pelo amigo, Brandão opta por uma abordagem distinta ao apresentar a obra: ao invés de seguir o método de Cervantes-Ortiz, delineando passo a passo o espírito de uma teologia, ele escolhe focar no “percurso que vai de um Rubem ao outro”<sup>30</sup>, buscando assim preservar a essência do pensamento de Rubem Alves, ao mesmo tempo em que oferece uma nova perspectiva sobre sua trajetória.

Neste panorama, enquanto Brandão empreende um resgate afetivo da trajetória de vida de Rubem Alves, com o intuito de preservar uma memória de eventos que o próprio Rubem parecia disposto a esquecer, negar e se afastar naquele instante, o texto se desdobra também como um diálogo que apresenta resistência à periodização sugerida por Cervantes-Ortiz dentro da obra.<sup>31</sup> Essa contraposição só pode ser plenamente apreendida pelo leitor através da leitura complementar dos dois textos, permitindo uma compreensão mais rica e multifacetada. Dessa forma, é delineada a periodização proposta por Brandão, que não apenas oferece uma nova lente de interpretação sobre a obra de Rubem Alves, mas também convida a uma reflexão mais profunda sobre os caminhos e descaminhos que marcaram sua jornada intelectual.



QUADRO 2: Fases do desenvolvimento da escrita alvesiana proposta por Brandão<sup>32</sup>

Para Brandão, a jornada de Rubem Alves é marcada por uma vasta experiência que transita entre os papéis simbolizados pela letra “p” (pastor, professor, psicanalista e poeta),<sup>33</sup> um itinerário que, segundo ele, deve ser explorado pelos jovens leitores. Essa exploração é essencial para que Rubem Alves seja plenamente compreendido e valorizado, especialmente por aqueles que o conhecem principalmente como cronista e poeta.<sup>34</sup> Na tentativa de narrar essa trajetória, Brandão utiliza as experiências profissionais de Rubem como a espinha dorsal para sua periodização. Ele inicia destacando as fases de Rubem como pastor e militante, períodos em que, mesmo diante da negação de Rubem sobre sua conexão com a escrita teológica, era imperativo

<sup>28</sup> CERVANTES-ORTIZ, 2005, p. 12.

<sup>29</sup> CERVANTES-ORTIZ, 2005, p. 12. Brandão afirma que está fazendo uma breve apresentação, mas na edição da obra seu texto vem demarcado como um prefácio à edição brasileira.

<sup>30</sup> CERVANTES-ORTIZ, 2005, p. 12.

<sup>31</sup> CERVANTES-ORTIZ, 2005, p. 43-47.

<sup>32</sup> Fluxograma construído a partir da leitura do texto de apresentação para a edição brasileira da obra de Leopoldo Cervantes-Ortiz. Na obra, o texto vem identificado como: *Prefácio à edição brasileira*.

<sup>33</sup> CERVANTES-ORTIZ, 2005, p. 16.

<sup>34</sup> CERVANTES-ORTIZ, 2005, p. 15.



criar um ambiente que permitisse a leitura e aceitação de sua obra nos círculos teológicos do país, os quais, até então, haviam apenas silenciado suas contribuições. Esse enfoque não apenas ilumina as diversas facetas da vida de Rubem, mas, também, sublinha a complexidade de sua obra e o desafio de apresentá-la em um contexto que frequentemente optava pela omissão ao invés do diálogo.

O aspecto crucial da periodização delineada por Brandão reside na ambiguidade sobre a natureza da incursão de Rubem Alves na filosofia da ciência: não fica claro se, para Brandão, essa fase representa apenas um breve interlúdio — um momento de transição entre a desvinculação de Rubem da teologia e sua imersão no campo da educação — ou se constitui um estágio definido e significativo em si mesmo, conforme sugere a periodização de Cervantes-Ortiz.<sup>35</sup> Independentemente das diferenças metodológicas na construção de suas periodizações, tanto Cervantes-Ortiz quanto Brandão não se mostram inclinados a explorar em profundidade as implicações e influências duradouras que a filosofia da ciência exerceu nos trabalhos subsequentes de Rubem Alves. Essa omissão sugere uma área potencialmente rica para futuras investigações, indicando que a passagem de Rubem pela filosofia da ciência, seja como um interregno ou como um período demarcado, oferece terreno fértil para um exame mais detalhado de sua evolução intelectual e impacto em suas contribuições posteriores.

### **3. Uma escrita que dança com os balanços da vida de modo simbólico – a proposta de periodização de Nunes**

*a vida toda não será assim, uma luta contra o caos sem sentido em busca de uma beleza escondida? [...] Uma melodia linda se faz ouvir em meio aos horrores da vida. “Ainda que seja uma marcha fúnebre”<sup>36</sup>*

Rubem Alves, ao longo de sua obra, fez várias menções a Antônio Vidal Nunes, destacando-o como um amigo. Um exemplo palpável dessa amizade é encontrado na obra *Quando eu era menino*, especificamente na crônica intitulada “Brinquedos”. Neste texto, Rubem Alves rememora um episódio marcante dessa relação, ilustrando não apenas a proximidade entre os dois, mas também como as interações humanas, especialmente as amizades, influenciam e se refletem em sua escrita. Este momento de rememoração serve como um prelúdio à citação direta subsequente, preparando o leitor para mergulhar mais profundamente na essência da proposta de periodização de Nunes, que parece enfatizar a interconexão entre a vida pessoal de Rubem Alves e sua

---

<sup>35</sup> O período nomeado por Cervantes-Ortiz como período de desengano eclesiástico e político (1970-1971) é o momento em que Rubem se reencontra por meio da leitura com seus filósofos preferidos. Apesar de Cervantes-Ortiz não mencionar a chegada de Rubem à Filosofia ao descrever as características da escrita de Rubem neste período, é interessante perceber como o teólogo de Costa Rica vê como problemática as palavras escritas por Alves nesse período, ao dizer que ele estava passando por um “cativeiro criativo”, ou um período de “solidão” e “abandono”.

<sup>36</sup> ALVES, Rubem. O caos e a beleza. In: *Palavras para desatar nós*. Campinas: Papirus, 2011, p. 41-42.

produção literária, sugerindo que sua escrita dança simbolicamente com os ritmos e experiências de sua vida.

Um amigo meu, o Vidal, me deu um caminhão que ele mesmo fez, como presente de Natal. É um caminhão-tanque. O tanque é feito com uma lata de óleo deitada. A cabine, com janelas e espelhos retrovisores, é feita com uma lata de azeite. As antenas e o cano de escapamento são feitos com pedaços de antenas velhas que ele encontrou em lojas onde se concertam rádios. E as rodas, ele as fez cortando, com um serrote, fatias de um cabo de enxada, iguais às fatias que se cortam de um salame.<sup>37</sup>

Refletindo sobre o trecho anteriormente mencionado, observamos a existência de uma amizade profunda entre Rubem Alves e Antônio Vidal Nunes, cujas origens exatas e momento de início permanecem não documentados na literatura disponível. Contudo, o que transparece com clareza é a paixão e o entusiasmo de Nunes pelas investigações acerca da obra de Rubem Alves. Esse fervoroso interesse contribuiu significativamente para que Nunes se estabelecesse como uma autoridade imprescindível e uma fonte primária de consulta para aqueles que aspiram a explorar e compreender de maneira mais profunda a contribuição de Rubem Alves ao pensamento brasileiro. Tal dedicação não apenas ressalta a importância da amizade no desenvolvimento intelectual e pessoal de Alves, mas também sublinha o papel vital de Nunes em disseminar e interpretar o legado de Alves, tornando-se, assim, um pilar fundamental para estudiosos e admiradores da obra alvesiana no Brasil.

A partir de uma análise detalhada e meticulosa realizada durante a pesquisa bibliográfica,<sup>38</sup> emergiu um dado revelador: Antônio Vidal Nunes destaca-se como o indivíduo com a mais extensa produção bibliográfica sobre Rubem Alves,<sup>39</sup> além de possuir o segundo maior número de menções a Alves no currículo Lattes, totalizando 53 menções dentre 499 doutores analisados. O que torna Nunes particularmente notável é sua proeminência e influência nos estudos sobre Rubem Alves para além dos limites tradicionais da teologia e das Ciências da Religião no Brasil. Essa distinção coloca Nunes em uma posição única, fazendo de sua abordagem na periodização do pensamento de Rubem Alves um ponto de referência crucial para aqueles que buscam não apenas entender, mas também contribuir com suas próprias periodizações e análises. A compreensão da metodologia de Nunes para categorizar a obra de Alves é, portanto, essencial para avançarmos em nossas próprias investigações e reflexões sobre o legado desse pensador.

---

<sup>37</sup> ALVES, Rubem. Brinquedos. In. *Quando eu era menino*. Ilustrações: Paulo Branco. 4. ed. Campinas: São Paulo. Papyrus, 2012, p. 109-113.

<sup>38</sup> Levantamento realizado na Plataforma Lattes, entre os dias 14/06/2023, às 17h 40m, e o dia 02/07/2023, às 20h 26m.

<sup>39</sup> Três livros, quatro capítulos de livros e oito artigos, afora as demais produções bibliográficas.



QUADRO 3: Fases do desenvolvimento da escrita alvesiana proposta por Nunes<sup>40</sup>

Nunes introduz seu texto fazendo uma ligação entre as formas que usamos para representar o mundo e as alterações dessas formas conforme as mudanças que ocorrem em nossas vidas. Assim, Nunes infere uma relação antropológico-existencial de Rubem com sua escrita:

Os modelos explicativos vão se alterando no percurso daqueles que em sua atividade intelectual buscam aprender o mundo e a vida. Uma tarefa perene, pois a vida nunca se deixa engaiolar ou se aprisionar; haverá sempre algo para além do universo nomeado pelas palavras. Nossas elaborações são filhas dos tempos. As ideias trazem a marca da historicidade, pois o homem é um ser histórico, com possibilidades de se recriar sempre.<sup>41</sup>

Diante do reconhecimento unânime na esfera acadêmica de que a obra de Rubem Alves é profundamente entrelaçada com sua trajetória pessoal, surge a questão: não seria mais apropriado, conforme sugerido por Nunes, iniciar a primeira fase de sua periodização em 1953, momento em que Alves estabelece uma conexão significativa com o professor de teologia Richard Shaull no Seminário Presbiteriano de Campinas? Tal questionamento nos leva a ponderar sobre a decisão de Nunes em distinguir a formação seminarística da fase teológica em sua análise, especialmente considerando a natureza antropológico-existencial da escrita de Alves, que se mostra intrinsecamente ligada à sua vivência.<sup>42</sup> Ademais, se o próprio Alves declarou em entrevista concedida à pesquisadora Gomide<sup>43</sup> que apenas em 15 de setembro de 1970 se desvinculou definitivamente da instituição religiosa, não seria razoável interpretar o período de 1964 a 1970 como uma fase de crescente desilusão com a religião, marcada pelo início de seu exílio em 1964? E, considerando que o nascimento de sua filha Raquel é apontado por Nunes como um marco para o início da fase poético-filosófica, não deveríamos também investigar o ano em que o primeiro livro de literatura infantil

<sup>40</sup> Fluxograma autoral construído a partir da leitura do seguinte texto: NUNES, Antônio Vidal. Etapas do itinerário reflexivo de Rubem Alves: a dança da vida e dos símbolos. In: *O que eles pensam de Rubem Alves e de seu humanismo na religião, na educação e na poesia*. NUNES, Antônio Vidal (org.). São Paulo: Paulus, 2007, p. 13-51.

<sup>41</sup> NUNES, 2007, o. 13.

<sup>42</sup> Esta teologia que aparecerá na escrita durante a fase teológica foi gestada no período da formação seminarística. Sendo assim, qual o motivo de se separar estes dois momentos, considerando que Nunes quer mapear justamente as etapas do itinerário reflexivo de Rubem?

<sup>43</sup> GOMIDE, 2004, p. 118.

de Alves foi publicado no Brasil, para melhor compreender as nuances dessa etapa de sua produção?

A reflexão sobre a metodologia empregada por Nunes na elaboração de sua proposta de periodização é fundamental. Partindo da premissa de que a escrita de Rubem Alves é intrinsecamente ligada à sua experiência de vida sob uma perspectiva antropológico-existencial, surge a questão: os textos de Alves não deveriam ser considerados primordialmente como manifestações dos eventos biográficos que marcaram sua trajetória? Por outro lado, caso Nunes tenha priorizado os textos de Alves como critério definidor de sua periodização, seria então imprescindível a consideração das datas de publicação desses textos como marcos temporais das diferentes fases, em detrimento dos elementos biográficos? Se a escolha recaí sobre os textos enquanto critério, a discussão transcende a mera periodização do percurso reflexivo ou do pensamento de Alves, focalizando-se, em vez disso, na evolução de sua escrita. Diante dessas considerações, é oportuno avançarmos para a análise das subsequentes propostas de periodização.

#### **4. Uma escrita que esconde seus tesouros em uma floresta encantada – a proposta de periodização de Reblin**

*Faz muito tempo, eu gostava mesmo era da claridade. Aí fiquei amigo de um poeta. Mostrei-lhes meus textos. “Luz demais, luz demais”, ele reagiu com desgosto, como se seus olhos só gostassem da noite. “É preciso misturar um pouco de neblina e de sombra às suas palavras, é preciso borrar os contornos... Você não sabe que uma ideia clara faz parar a conversa, enquanto uma ideia mergulhada na sombra dá asas às palavras e a conversa não tem fim?”<sup>44</sup>*

Andréas Iuri Reblin emerge como uma figura central no estudo da obra de Rubem Alves, destacando-se por sua prolífica contribuição nas esferas da teologia e das Ciências da Religião. Sua dissertação de mestrado, transformada em livro no ano de 2009,<sup>45</sup> marca um momento significativo na literatura sobre Alves, sendo a primeira obra dedicada à teologia de Alves escrita por um teólogo brasileiro em formação. Reblin supera Nunes em relação ao número de menções e resumos expandidos sobre Rubem Alves e sua obra. Sobre a dissertação de Reblin, Rubem escreveu:

---

<sup>44</sup> ALVES, Rubem. *Lições de feitiçaria: meditações sobre poesia*. Juiz de Fora: MG. Editora Siano, 2020, p. 24-25.

<sup>45</sup> REBLIN, Iuri Andréas. *Outros cheiros, outros sabores: o pensamento teológico de Rubem Alves*. São Leopoldo, Rio Grande do Sul: OIKOS; EST, 2009. Até a publicação do livro de Reblin, tínhamos no mercado livreiro brasileiro, o livro de Cervantes-Ortiz (2005), e o livro organizado por Nunes (2007), que não tratava somente da teologia de Rubem, mas também de poesia e educação. A segunda edição da obra pode ser encontrada em: REBLIN, Iuri Andréas. *Outros cheiros, outros sabores: o pensamento teológico de Rubem Alves*. 2. ed. Revista e atualizada. São Leopoldo, Rio Grande do Sul: OIKOS; EST, 2014. Disponível em: [https://oikoseditora.com.br/files/Outros\\_cheiros\\_REBLIN.pdf](https://oikoseditora.com.br/files/Outros_cheiros_REBLIN.pdf). Acesso em: 11 mar. 2024.

IURI: Passei esses dois últimos dias lendo a sua dissertação. Fui possuído por dois sentimentos: Primeiro: gratidão. Imaginei o enorme esforço de pesquisa por que você passou. Se você foi capaz disso é porque você gosta das coisas que penso e escrevo. Você fez o seu trabalho com rigor, competência, detalhes e, sobretudo, amor. Aceite os meus respeitos e a minha gratidão. E é preciso acrescentar: você escreve muito bem. Depois, um sentimento de espanto. Você sabe mais sobre o que escrevi que eu mesmo! Talvez você não saiba mais do que eu aquilo que pensei e penso. Mas sabe mais do que eu aquilo que escrevi. Lendo as inúmeras citações eu me surpreendia: Mas eu escrevi isso? A vida vai passando, a gente vai esquecendo, o que se escreveu fica como cacos largados à beira do caminho... Você catou os cacos que eu deixei e os presenteou a mim como um mosaico! Sabe que eu até fiquei gostando mais da minha teologia? Eu acho o seu trabalho tão bom que imagino que ele poderia ser publicado – se valer a pena. Afinal, o público para essas questões teológicas é pequeno. Só uns poucos pertencem a “Castália”, a ordem monástica onde se praticava o “jogo das contas de vidro”.<sup>46</sup>

Reblin concluiu sua dissertação sobre a teologia de Rubem Alves em 2007, e desde então, sua carreira tomou um rumo diversificado, levando-o ao mundo do cinema como cineasta, diretor e roteirista<sup>47</sup>, com um foco particular na cultura pop, super-heróis, histórias em quadrinhos, e a interseção destes com temas religiosos. A última publicação de Reblin sobre Alves, datada de 2014, reflete essa evolução, aproximando a obra de Alves de seus interesses atuais em arte sequencial.<sup>48</sup> Apesar dessa aparente distância dos estudos diretos sobre Alves, Reblin mantém sua posição de destaque como um dos mais prolíficos teóricos sobre Alves no Brasil, dentro das áreas de Teologia e Ciências da Religião. Sua capacidade de discernir a teologia implícita em toda a extensão da obra de Alves, similarmente a Cervantes-Ortiz, evidencia uma compreensão profunda do caráter teológico que permeia a escrita de Alves. No texto que analisamos para sistematizar a periodização proposta por ele, Reblin afirma que seu objetivo é: “traçar sucintamente algumas etapas significativas da trajetória de vida deste pensador e mostrar as diversas facetas ou ênfases que sua teologia adquiriu nestas etapas e como ela foi se transformando e criando as características que possui hoje”<sup>49</sup>. Assim vejamos:

---

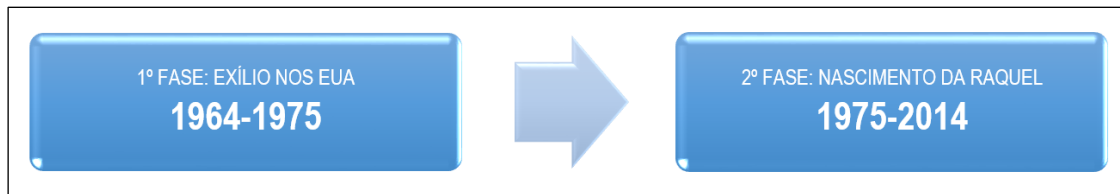
<sup>46</sup> REBLIN, 2014, p. 9. (correspondência pessoal, enviada a Reblin no dia 28 de outubro de 2007 e publicada após sumário da segunda edição).

<sup>47</sup> Conforme o pesquisador nos informa no seu resumo do lates.

<sup>48</sup> REBLIN, Iuri Andréas. A contribuição de Rubem Alves para o estudo da teologia na arte sequencial: anotações de um fragmento de mosaico misturadas com biografia. *Reflexus*, Vitória, ES, v. 8, n. 12, p. 155-168, 2014. (Dossiê: Rubem Alves, teólogo, educador e poeta).

<sup>49</sup> REBLIN, Iuri Andréas. Faces e fases do pensamento teológico de Rubem Alves. *Tempo e presença digital*, [Online], ano 10, v. 29/30, p. 1-5, 2015.





QUADRO 4: Fases do desenvolvimento da escrita alvesiana proposta por Reblin<sup>50</sup>

Segundo Reblin, a estrutura básica do pensamento de Rubem Alves não se alterou, “embora tenha se refinado e se enriquecido por meio da liberdade do silêncio que mora nas palavras que usa e dos encontros e desencontros que aconteceram na conversação entre sua biografia e a história”<sup>51</sup>. Esta observação sugere uma evolução no pensamento de Alves, moldada tanto por sua interação pessoal com a história quanto pela sua expressão linguística única. Reblin, alinhando-se a Nunes, identifica a teologia de Alves como emergente dessa “conversação entre a biografia e a história”<sup>52</sup>, uma perspectiva que enriquece a compreensão da obra de Alves ao enfatizar a intersecção de sua vida pessoal com movimentos históricos mais amplos. Interessantemente, apesar de Reblin e outros teóricos reconhecerem a influência da filosofia no trabalho de Alves, eles não se detêm extensivamente sobre este ponto, embora não neguem sua importância. Reblin, depois de citar trechos do prefácio da obra *Sobre deuses e caquis*, escrito por Rubem para publicação da sua tese de doutoramento no Brasil, escreve:

A partir desse momento, Rubem Alves se volta a temas mais filosóficos, em especial, busca por uma compreensão do fenômeno religioso, um de seus temas preferidos. A ênfase de seu pensamento nesta fase mais filosófica está na historicidade do ser humano, na linguagem como o mundo em que o ser humano vive e transita, na linguagem da fé como inerente à história e como expressão da imaginação, no corpo, cuja existência histórica é perpassada pelos símbolos, e nos aspectos subversivos e criativos deste.<sup>53</sup>

Se em seu texto Reblin nos aproxima de temas novos que começam a aparecer nos escritos alvesianos após à publicação de sua tese em 1969, quais motivos o levaram a desconsiderar o rompimento com a instituição religiosa em setembro de 1970? Se a escrita de Rubem está estreitamente vinculada à sua existência, como uma periodização que parte de critérios biográficos considera somente dois acontecimentos? Não seria por demais simplificado, já que a escrita alvesiana claramente reflete os impactos de outros acontecimentos e momentos existenciais importantes além desses dois? Poderíamos citar, por exemplo, o encontro com o

<sup>50</sup> Fluxograma autoral construído a partir da leitura do texto citado na nota anterior.

<sup>51</sup> REBLIN, 2015, p. 1.

<sup>52</sup> REBLIN, 2015, p. 1.

<sup>53</sup> REBLIN, 2015, p. 3.

professor Richard Shaull, em 1953, e o rompimento com a Igreja Presbiteriana do Brasil em 1970.

Reblin, ao delinear que seu “ensaio acentuará apenas dois momentos”<sup>54</sup>, insinua a existência de outras instâncias significativas na vida de Rubem Alves, embora escolha focar em apenas duas delas. Essa escolha metodológica levanta questões sobre a abrangência da análise de Reblin quanto ao desenvolvimento intelectual e literário de Alves, sugerindo que a complexidade de sua trajetória pode transcender esses momentos destacados. Importante notar, no entanto, é o alinhamento de Reblin com Cervantes-Ortiz ao marcar o início da fase literária de Alves em 1982,<sup>55</sup> um consenso que adiciona uma camada de validação à sua periodização. Adicionalmente, ao acrescentar uma quarta fase na periodização proposta por Nunes, Reblin amplia a possibilidade de análise interpretativa da proposta de Nunes, indicando uma perspectiva mais detalhada ao leitor da referida proposta.<sup>56</sup> Esse enfoque prepara o terreno para nossa própria proposta de periodização, sugerindo uma abordagem que possa abarcar com maior precisão a multifacetada carreira de Alves.

## 5. Esboços de uma proposta de periodização

*A distância entre os pensamentos que pensei para escrever este texto e os pensamentos que penso hoje é infinitamente maior que a distância entre minha fotografia de juventude e minha fotografia hoje. Se vocês ficarem curiosos poderão tentar retrazar o caminho das minhas transformações...<sup>57</sup>*

Após um exame abrangente das várias periodizações identificadas na literatura científica, especialmente aquelas adotadas por estudiosos nas esferas da Teologia e das Ciências da Religião no Brasil, nos propomos a esboçar uma nova periodização, inspirada pela análise de textos selecionados de Rubem Alves. É imperativo salientar a importância da introdução escrita por Alves em novembro de 2003 para a tradução de sua dissertação de mestrado para o português, a qual se revelou crucial neste empreendimento, fornecendo-nos ferramentas para refinar categorias, períodos e datações pertinentes àquilo que denominamos a fase poético-literária de sua obra. Nesse prefácio, Alves tece comentários sobre sua prática escrita, oferecendo pistas que nos orientam em direções específicas para a compreensão e categorização de sua produção literária.

É relevante mencionar que algumas das reflexões aqui apresentadas já foram compartilhadas em um congresso científico promovido pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Teologia e Ciências da Religião (ANPTECRE), onde Paulo Augusto de Souza Nogueira, da PUC-Campinas, apontou que as periodizações existentes na literatura não atendem adequadamente aos estudos sobre Rubem Alves.

---

<sup>54</sup> REBLIN, 2015, p. 1.

<sup>55</sup> REBLIN, 2015, p. 5.

<sup>56</sup> REBLIN, 2015, p. 1.

<sup>57</sup> ALVES, 2004, s/p.

Segundo ele, as abordagens cronológicas falham em capturar as sutilezas da escrita de Alves, que, embora evolua, mantém certas características de fases anteriores. Diante dessa observação, Nogueira propôs uma periodização baseada em gêneros textuais. No entanto, considerando a natureza híbrida da obra de Alves, que entrelaça diversos gêneros textuais, optamos por explorar uma alternativa focada na organização por temas e no mapeamento desses ao longo do tempo, permitindo-nos identificar as transformações e continuidades na sua escrita como reflexo das mudanças em suas experiências de vida. Essa abordagem inicial, apesar de suas limitações, foi inicialmente documentada e publicada nos anais do congresso por um destes autores,<sup>58</sup> marcando o início de um esforço coletivo para compreender a complexidade da obra alvesiana.

Retornando ao texto de Rubem Alves previamente mencionado, percebe-se que ele nos apresenta duas categorias principais para sua obra: 1º) Textos da Juventude e 2º) Textos da Maturidade ou Velhice. Quanto às datas, Alves destaca um período de dez anos, de sua entrada no Seminário Presbiteriano de Campinas em 1953 até 1963, período este marcado por "profundas transformações no seu pensamento, "em grande medida provocadas por Richard Shaull", seu professor. Além desse decênio claramente definido, ele menciona mais duas importantes marcações temporais em seu texto: os anos de 1964 e 1987. Sobre 1964, recorda o golpe militar e menciona ter escrito sua dissertação, um texto de juventude, "nos meses que antecederam o golpe militar de 1964". Já o ano de 1987 é citado ao discutir o livro *Pai nosso*,<sup>59</sup> publicado naquela época, aparentemente em colaboração com o Centro Ecumênico de Documentação e a editora Paulinas.<sup>60</sup> Ele descreve a obra como um texto teológico de maturidade. Assim, assumimos que esta obra e este ano marcam o início do que denominamos fase poético-literária na escrita de Alves. Contudo, os teóricos mencionados anteriormente consideram os anos de 1980<sup>61</sup> e 1982<sup>62</sup>. Neste mesmo contexto, Rubem Alves expressa em seu texto a seguinte frase:

vendo o que fui e vendo o que sou é possível imaginar o caminho percorrido pelo meu rosto, a sua história... Vendo o que pensei e vendo o que hoje penso é possível imaginar o caminho percorrido pelo meu pensamento, a sua história. E vendo a história é possível imaginar a vida, *porque o pensamento nasce da vida*.<sup>63</sup>

---

<sup>58</sup> MARTINS, Márcia de Souza. Dos escritos teológicos aos escritos poético-literários: uma panorâmica nas diversas fases da escrita alvesiana. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM TEOLOGIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO (ANPTECRE), V. 9, 2023, Goiânia. Anais... Goiânia: ANPTECRE, 2023, p. 272-279. [PDF].

<sup>59</sup> ALVES, Rubem. *Pai nosso: meditações*. Juiz de Fora, Minas Gerais: Siano, 2020.

<sup>60</sup> Ver referência conforme citada por CERVANTES-ORTIZ, 2005, p. 230.

<sup>61</sup> NUNES, 2007, p. 47.

<sup>62</sup> Reblin menciona este ano três vezes em seu texto.

<sup>63</sup> ALVES, 2004, não paginado. (Grifo no corpo do texto nosso)

Assim, o pressuposto teórico de que a escrita alvesiana possui uma marca antropológico-existencial, postulado tanto por Nunes, quanto por Reblin, possui um forte aliado: o próprio Alves.

Outro documento de Rubem Alves que se mostra fundamental para esboçarmos uma proposta de periodização é o texto intitulado *Memórias*<sup>64</sup>, redigido em dezembro de 1987 e veiculado pela editora Siano, subsequente ao prefácio da edição brasileira no livro *A gestação do futuro*<sup>65</sup>. Nesse texto, ao rememorar o ano de 1971, Rubem Alves revela: “a minha nostalgia estava em busca de novos horizontes. Foi então que eu descobri Nietzsche como um irmão”<sup>66</sup>. Esta declaração de Alves não apenas ilumina um momento significativo de transição em seu pensamento, mas também nos encoraja a considerar as observações de Cervantes-Ortiz, que complementam nossa compreensão sobre a trajetória intelectual de Alves.

Em agosto de 1970, quando Alves participou de uma das primeiras consultas ecumênicas sobre teologia da libertação, organizada pelo movimento Iglesia y Sociedad na América Latina (ISAL), começou o desencontro com alguns dos representantes da mencionada teologia. O livro que recopilou as comunicações não incluiu sua participação.<sup>67</sup>

Ao correlacionarmos as informações apresentadas por Cervantes-Ortiz com aquelas trazidas por Gomide ao concluir sua dissertação, na qual ela inclui uma entrevista concedida por Rubem Alves, conseguimos delinear os momentos finais da relação de Alves com a instituição religiosa. Cervantes-Ortiz interpreta esse evento como o início dos desacordos entre os teólogos da teologia da libertação e Alves. Para nós, esse evento atuou como catalisador, culminando um extenso período de desilusão de Alves com a instituição religiosa, que teve início em 1964, e que agora o impulsionava em direção a novas perspectivas. Portanto, enquanto para Cervantes-Ortiz o período de desilusão eclesiástica e política se inicia em 1970 e vai até 1971, nós o vemos como um marco de transição crucial, da teologia para a educação. Dessa forma, o episódio de agosto de 1970, descrito por Cervantes-Ortiz, não representa um momento de desilusão, mas sim de impulso necessário em direção à *Gestação do futuro*<sup>68</sup>.

No que concerne ao intervalo que Cervantes-Ortiz classifica como período de convencimento militante e trabalho a serviço de uma consciência da mudança (1964-1969), entendemos que se trata, na verdade, de uma extensa fase de desilusão de Rubem Alves com a instituição religiosa. Esse período teve início com o golpe militar

---

<sup>64</sup> ALVES, Rubem. *A gestação do futuro*. Juiz de Fora: Siano, 2020, p. 11-21.

<sup>65</sup> Ibidem.

<sup>66</sup> ALVES, 2020, p. 17.

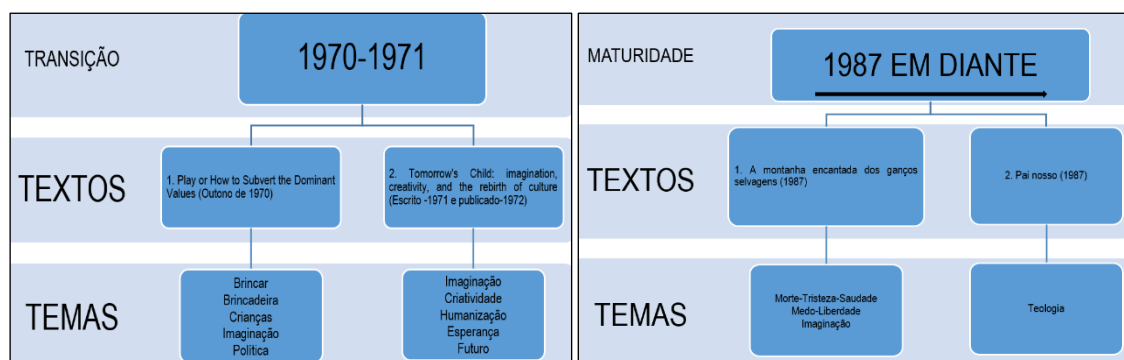
<sup>67</sup> CERVANTES-ORTIZ, 2005, p. 45.

<sup>68</sup> No outono de 1970 foi publicado o seguinte texto de Rubem nos Estados Unidos: *Play or How to Subvert the Dominant Values*. Consideramos ser este texto a gênese da seguinte obra: *Tomorrow's Child: imagination, creativity, and the rebirth of culture*, publicada em Nova York em 1971 e no Brasil somente em 1987, com o seguinte nome: *A gestação do Futuro*. Para nós, estes dois textos são os marcos iniciais do que chamamos na atualidade de pedagogia alvesiana.

de 1964, marcado pelo exílio de Alves nos Estados Unidos, e culminou com sua desvinculação definitiva da Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB) em 15 de setembro de 1970. Portanto, ao considerarmos esses marcos históricos — passíveis de revisão à medida que aprofundamos nossos estudos e análises na obra alvesiana —, nosso objetivo é discernir quais textos e temas emergem nessas distintas fases, para assim navegarmos com maior precisão através de sua prolífica produção. Dessa maneira, buscamos evitar interpretações precipitadas de textos e temas produzidos em períodos específicos como se representassem posicionamentos definitivos de Alves, o que seria um equívoco.



QUADRO 5: Esboço de uma proposta de periodização dos textos da juventude<sup>69</sup>



QUADRO 6: Esboço de uma proposta de periodização dos textos de transição e da maturidade<sup>70</sup>

Reconhecemos que os esboços que propomos não abarcam integralmente os desafios de diversas temáticas complexas na obra de Rubem Alves, uma vez que não contemplam, por exemplo, a evolução dos gêneros textuais e suas transformações em cada etapa de sua trajetória literária. Ademais, identificamos uma lacuna entre os anos de 1972 e 1986, período cuja classificação permanece incerta quanto à sua extensão até a fase poético-literária (textos da maturidade). No entanto, o valor deste texto se

<sup>69</sup> Fluxograma autoral criado a partir das leituras realizadas.

<sup>70</sup> Fluxogramas autorais criados a partir das leituras realizadas.



encontra nos questionamentos e reflexões que levantamos em relação às periodizações já estabelecidas na literatura, as quais são frequentemente adotadas sem a devida problematização.

### **Conclusão**

O propósito deste artigo foi oferecer uma visão abrangente das principais periodizações da escrita de Rubem Alves conforme discutidas na literatura científica, ao mesmo tempo em que esboçamos uma nova proposta de periodização. Ficou evidente, ao longo de nossa análise, que as periodizações existentes se baseiam em critérios variados, mas convergem para uma estruturação cronológica. Conforme observa Paulo Augusto de Souza Nogueira (PUC-Campinas), as periodizações cronológicas disponíveis na literatura não atendem de forma adequada aos estudos sobre Rubem Alves. Isso se deve ao fato de que tais periodizações não conseguem capturar as nuances da escrita alvesiana, que, embora evolua, mantém certas características específicas de períodos anteriores.

Observamos um consenso na literatura que aponta os anos seguintes à defesa da tese de doutorado de Rubem Alves, em 1969, como fundamentais para sua imersão na filosofia. Reblin, através de seu texto, nos guia pelos temas que emergem nos escritos de Alves durante esse período. Cervantes-Ortiz descreve essa aproximação com um olhar trágico-pessimista, apontando que os escritos de Alves nesse tempo são marcados por expressões intensas, vivências inquietantes, posturas controversas e extremadas, e escolhas audaciosas, e que Alves escolhe deliberadamente se colocar em um estado de confinamento criativo. Brandão, por outro lado, nota que, na Unicamp, Rubem transicionou da Filosofia da Ciência para a Educação, e essa mudança só explica em parte a transição de um tema para outro, destacando que este é um mistério em seus escritos que merece atenção. Assim, fica ambíguo no texto de Brandão se ele vê a jornada de Rubem pela filosofia meramente como uma transição da teologia para a educação ou se a considera um período claramente definido, conforme proposto por Cervantes-Ortiz e Reblin. No entanto, um ponto de convergência entre eles é a aparente desatenção em desvendar como Rubem Alves expressa sua teologia ou aborda outros temas ao se aproximar da filosofia.

Também delineamos esboços de uma proposta de periodização, conscientes, porém, de que ela não aborda completamente as questões dos gêneros textuais na obra de Alves, e revela uma lacuna entre 1972 e 1986, período cuja extensão até a fase poético-literária (textos da maturidade) permanece incerta. Almejamos que este texto sirva como um recurso valioso para aqueles dedicados ao estudo e à pesquisa do desenvolvimento da escrita alvesiana.

### **Referências**

- ALVES, Rubem. *A gestação do futuro*. Juiz de Fora: Siano, 2020.
- ALVES, Rubem. Brinquedos. In. *Quando eu era menino*. 4. ed. Campinas: São Paulo. Papyrus, 2012.
- ALVES, Rubem. Deus existe? In. *Palavras para desatar nós*. Campinas: Papyrus, 2011.

ALVES, Rubem. *Lições de feitiçaria: meditações sobre poesia*. Juiz de Fora: Siano, 2020.

ALVES, Rubem. O caos e a beleza. In. *Palavras para desatar nós*. Campinas: Papirus, 2011.

ALVES, Rubem. *Pai nosso: meditações*. Juiz de Fora: Siano, 2020.

ALVES, Rubem. Tristeza-beleza. In. *Palavras para desatar nós*. Campinas: Papirus, 2011.

ALVES, Rubem. Uma interpretação teológica do significado da revolução no Brasil. [1963]. Tradução de Antônio Vidal Nunes e Carlos Fellipe Tavares. *Redes: revista capixaba de filosofia e teologia*. Vitória: IFTAV; UNISALES, a. I, n. especial, fevereiro 2004, [n.p]. (Edição Especial, Teologia da libertação em suas origens).

BARRETO JR. Raimundo César. Rubem Alves: o desenvolvimento de seu pensamento e a recepção do mesmo nos Estados Unidos. *Revista Reflexus*, Vitória, ano VIII, n. 12, 2014/2. Disponível em: <https://revista.fuv.edu.br/index.php/reflexus/article/view/235/389>. Acesso em: 22 jul. 2023.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Rubem - Quatro momentos seguidos de um devaneio. *Tempo e presença digital*, a. 10, v. 29/30, p. 1-3, 2015. Disponível em: [http://www.koinonia.org.br/tpdigital/detalhes.asp?cod\\_artigo=580&cod\\_boletim=30&tipo=Artigo](http://www.koinonia.org.br/tpdigital/detalhes.asp?cod_artigo=580&cod_boletim=30&tipo=Artigo). Acesso em: 17 mar. 2024.

BRASIL, Dildo Pereira. *Antropologia e educação: raízes contraculturas do pensamento pedagógico de Rubem Alves*. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

CERVANTES-ORTIZ, Leopoldo. *A teologia de Rubem Alves: poesia, brincadeira e erotismo*. Campinas: Papirus, 2005.

MARTINS, Márcia de Souza. Dos escritos teológicos aos escritos poético-literários: uma panorâmica nas diversas fases da escrita alvesiana. In: Congresso da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Teologia e Ciências da Religião (ANPTECRE), v. 9, 2023, Goiânia. Anais... Goiânia: ANPTECRE, 2023, p. 272-279. [PDF]. Disponível em: <https://anptecre.org.br/download/IXcongressoAnptecreAnaisGT.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2024.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. Leopoldo CERVANTES-ORTIZ. Series de Sueños: La Teologia Ludo-erótico-poética de Rubem Alves. México: Centro Basilea de Investigación y Apoyo. *Numen: revista de estudos e pesquisa da religião*, Juiz de Fora, v. 8, n. 1, p. 119-125, 2005. (Seção: Recensão). Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/numen/article/view/21615/11689>. Acesso em: 27 fev. 2024.



NUNES, Antônio Vidal (org.). *O que eles pensam de Rubem Alves e seu humanismo na religião, na educação e na poesia*. São Paulo: Paulus, 2007.

NUNES, Antônio Vidal. Etapas do itinerário reflexivo de Rubem Alves: a dança da vida e dos símbolos. In: *O que eles pensam de Rubem Alves e de seu humanismo na religião, na educação e na poesia*. NUNES, Antônio Vidal (org.). São Paulo: Paulus, 2007.

REBLIN, Iuri Andréas. *Outros cheiros, outros sabores: o pensamento teológico de Rubem Alves*. São Leopoldo, Rio Grande do Sul: OIKOS; EST, 2009.

REBLIN, Iuri Andréas. *Outros cheiros, outros sabores: o pensamento teológico de Rubem Alves*. 2. ed. Revista e atualizada. São Leopoldo, Rio Grande do Sul: OIKOS; EST, 2014. Disponível em: [https://oikoseditora.com.br/files/Outros\\_cheiros\\_REBLIN.pdf](https://oikoseditora.com.br/files/Outros_cheiros_REBLIN.pdf). Acesso em: 11 mar. 2024.

REBLIN, Iuri Andréas. Faces e fases do pensamento teológico de Rubem Alves. *Revista tempo e presença digital*, a. 10, v. 29/30, p. 1-5, 2015. Disponível em: [http://www.koinonia.org.br/tpdigital/detalhes.asp?cod\\_artigo=573&cod\\_boletim=30&tipo=Artigo](http://www.koinonia.org.br/tpdigital/detalhes.asp?cod_artigo=573&cod_boletim=30&tipo=Artigo). Acesso em: 23 jul. 2023.

REBLIN, Yuri Andréas. A contribuição de Rubem Alves para o estudo da teologia na arte sequencial: anotações de um fragmento de mosaico misturadas com biografia. *Reflexus*, Vitória, ES, v. 8, n. 12, p. 155-168, 2014. (Dossiê: Rubem Alves, teólogo, educador e poeta). Disponível em: <https://revista.fuv.edu.br/index.php/reflexus/article/view/236>. Acesso em: 27 fev. 2024.

SANTOS, Rosemary dos; SANTOS, João Camilo dos; SILVA, José Aparecido. Psicologia da literatura e psicologia na literatura. *Temas psicol.* [online], v. 26, n. 2 p. 767-780, 2018. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S1413-389X2018000200009&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1413-389X2018000200009&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt). Acesso em: 09 mar. 2024.

SILVA, Héleron. O primeiro Rubem Alves e a Teologia da libertação. In: *Rubem Alves e as contas de vidro: variações sobre teologia, mística, literatura e ciência*. CAMPOS, Breno Martins; MARIANI, Ceci Maria Costa Baptista; RIBEIRO Claudio de Oliveira. (orgs.). São Paulo: Loyola, 2020.